

ATWOOD, MARGARET. *O CONTO DA AIA*. RIO DE JANEIRO: ROCCO, 2017.

Geovane Batista Costa¹

Silvia Federeci (2017, p. 180) disse que “ninguém pode descrever, de fato, a angústia e o desespero sofridos por uma mulher ao ver seu corpo se voltando contra si mesma”, mas discordo quando penso no enredo ficcional do premiado livro *O Conto da aia*, da canadense Margaret Atwood². Dividido em 15 partes que são também divididas em subcapítulos - ao todo são 46 “capítulos”, acrescidos de uma espécie de epílogo intitulado “Notas históricas” -, este livro começou a ser escrito em 1984, enquanto Atwood vivia em Berlim Ocidental, e foi terminado em 1985, no Alabama, EUA. Inicialmente chamaria *Offred*, mas mudou, em janeiro de 1985, para *O conto da Aia*, quando já tinha quase 150 páginas. Foi lançado no

1 Doutorando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Margaret Eleanor Atwood é escritora, romancista, poetisa, contista, ensaísta e crítica literária. Filha de Margaret Dorothy Killam-Atwood e de Carl Edmund Atwood, nasceu na capital canadense Ottawa, no dia 18 de novembro de 1939, no entanto, foi criada no norte da província de Ontário, no Quebec e na cidade de Toronto. Atualmente vive em Toronto e trabalha como produtora executiva da série *The handmaid's tale*.

Canadá em 1985, no Reino Unido e EUA em 1986 e no Brasil só foi lançado em 1987, pela editora Marco Zero.

Traduzido para aproximadamente 40 línguas, *O conto da aia* ganhou o prêmio canadense “Governor General’s Award”, em 1985, e no ano de 1987, o prêmio “Arthur C. Clarke Award”, conceituado prêmio de ficção científica britânico. A história do livro também foi adaptada para diferentes formatos - um filme, em 1990, com roteiro de Harold Pinter; uma ópera dinamarquesa composta por Poul Ruders, em 2000; e uma série de TV, em 2017, produzida pelo canal de *streaming* Hulu -, nesta última acompanhamos a narrativa da Aia Offred sobre rotinas, acontecimentos da vida na casa onde vivia, relacionamentos entre as personagens, o treinamento para se tornar aia no Centro Vermelho (ou Centro Raquel e Lia), a vida antes de Gilead, etc.

A história se passa em um futuro indeterminado, especulado por volta do final do século XX, já que o pesquisador da nação de Gilead, Pieixoto, fornece uma estimativa no epílogo de que o relato de Offred “não poderia ter sido feita no período dos últimos cento e cinquenta anos” (ATWOOD, 2017, p. 355), e a fala de pesquisador é datada em 2195 (ATWOOD, 2017, p. 351). O espaço geográfico onde se passa a história é a cidade de Bangor, no que, em tempos anteriores, teria sido o estado do Maine, nos Estados Unidos (ATWOOD, 2017, p. 353), mas que, depois de um ataque atribuído a terroristas muçulmanos, quando, na verdade, fora orquestrado pelo grupo fundamentalista religioso e cristão “Filhos de

Jacó” (ATWOOD, 2017, p. 361), que matou o presidente e metralhou o Congresso (ATWOOD, 2017, p. 208), foi dissolvido e passou a se chamar República de Gilead.

A República de Gilead era um estado autoritário, patriarcal e teocrático, onde supostamente só as mulheres ficavam inférteis, no qual a reversão do problema social da baixíssima taxa de natalidade, foi utilizada como mote para que o governo se apropriasse de todas as mulheres que ainda poderiam conceber filhos e as transformassem em aias. O ato da concepção era realizado por meio de um “estupro intencional e ritualístico”³, que era realizado pelos Comandantes⁴, a elite dos homens.

Retornando à questão do patriarcalismo, podemos afirmar que nele as relações entre homens e mulheres são impostas socialmente a partir do sexo e do gênero,

3 Este estupro era chamado de “Cerimônia”, e fazia alusão à história bíblica de Raquel, Jacó e sua criada/serva/aia Bila. Nessa história Lia, esposa que não era amada por Jacó, teve 4 filhos, enquanto sua irmã Raquel, também esposa de Jacó, a quem ele amava mais, era estéril e permitiu que ele fecundasse sua aia Bila, para que, por meio dela, lhe concedesse um filho. No *conto da aia*, a Esposa e a Aia deitavam-se de costas na beira da cama, com a Aia entre as pernas da Esposa, a cabeça contra o abdômen e os braços levantados acima da cabeça para que a Esposa segurasse, significando que são uma mesma carne, um mesmo ser, enquanto o Comandante ejacula. A Cerimônia ocorria mensalmente, especificamente, quando as Aias estavam ovulando e era projetada para ser o menos sensual possível, pois o seu objetivo não era o prazer dos envolvidos, mas a concepção de filhos para Gilead.

4 Os Comandantes eram homens que usavam preto, que, quando não estavam usando terno, usavam um uniforme, no qual parecem mais “um guarda de museu” (ATWOOD, 2017, p. 106), e serviam à República como políticos, líderes militares e legisladores. Existia uma hierarquia entre os Comandantes, com algumas classificações mais altas que outras, e nem todos eles tinham uma Aia, pois tinham Esposas férteis (ATWOOD, 2017).

nas quais a mulher não é considerada um ser autônomo, mas “o outro”, portanto, definida pelo homem e submissa a ele (BEAUVOIR, 2016). Assim, com o objetivo de que a estrutura patriarcal permaneça intacta, são desenvolvidas estratégias de coerção social para a imposição da submissão às mulheres, assim como, em Gilead, por exemplo, onde o governo proibiu que as mulheres lessem e escrevessem, já que isso corroborava para a continuidade do controle por meio da persuasão, e proibiu que elas possuíssem bens, trabalhassem e até bloquearam o dinheiro de suas contas bancárias, pois, sem terem recursos financeiros, elas não poderiam resistir ao domínio dos maridos e nem fugiriam para outros países (ATWOOD, 2017), reproduzindo aquilo que Silvia Federici (2017) chamou de “patriarcado do salário”.

Numa sociedade patriarcal, as mulheres são tidas como objetos e se tornam posse dos homens ou do Estado e não tem voz e nem identidade. As Aias, por exemplo, representam profundamente isso, pois até seus nomes são tomados e alterados, passando a ser formados pelo prefixo *Of*, que em inglês significa “de”, mais o nome do Comandante a quem “pertenciam”. A título de exemplificação, o nome da protagonista da história é Offred (que significa “de Fred”).

Entretanto, em Gilead, todas as mulheres são submissas aos homens e desempenham seus papéis sociais estabelecidos a partir de fatores biológicos: o corpo e a maternidade. Podemos identificar isso na divisão da sociedade entre mulheres férteis e estéreis, na qual aque-

las que não cumprem a função biológica de reprodução perdem até seu direito de se assumir como tal e são classificadas como “não-mulher”⁵. Temos, então, caracterizado na sociedade sexista gileadiana, o conceito de mulher imposto pelo patriarcado, no qual, para atendê-lo, é necessário que se cumpram alguns requisitos heteronormativos básicos. Isso nos faz lembrar de Beauvoir (2016), que afirma que ninguém nasce mulher, mas torna-se uma. Desta forma, Atwood, ao descrever o sistema social de Gilead, que é totalmente baseado numa hierarquização do sexo e gênero, traz, em cada uma de suas mulheres, uma crítica aos quesitos definidores do que é o ser mulher em nossa sociedade que idealmente contém em si em si os papéis de mãe, esposa e cuidadora do lar.

Em Gilead, devido ao problema da infertilidade, as mulheres não conseguiam unir essas qualidades básicas, e, por isso, foram divididas, podendo assim cumprir com as demandas impostas pelo novo governo e a falta de fertilidade. As Aias eram as únicas mulheres poderiam gerar filhos, cumprindo assim o papel da concepção e reprodução. Elas tinham uma tatuagem no tornozelo de quatro números e um olho (ATWOOD, 2017, p. 80), usavam vestidos vermelho compridos e uma touca branca de abas por cima do véu, que as deixavam ver

5 Ser mulher em Gilead era ser mãe e/ou ser submissa aos homens. O termo **não-mulher** era atribuído a todas as mulheres que não se submetiam ou se enquadravam aos modelos femininos impostos pelo governo, fosse por escolha (como a mãe de Offred, uma militante feminista), fosse por questões biológicas (por serem mulheres estéreis) ou fosse por orientação sexual.

somente aquilo que esta diante de seus olhos, já que as toucas “impossibilitam de ver [ao redor] e serem vistas [por outras pessoas]” (ATWOOD, 2017, p. 16).

Já todas as outras eram estéreis, mas podiam ser consideradas mulheres se cumprissem outros papéis “destinados” ao sexo feminino. Às Esposas, que eram as mulheres pertencentes à elite feminina e eram casadas com os Comandantes, cabia o papel da maternidade – numa concepção pautada em que “a mãe é quem cria” –, de resguardarem o lar e o de apoiar o marido. Apesar de terem uma posição mais privilegiada, elas não podiam trabalhar, ler ou escrever. Às Marthas, geralmente mulheres mais velhas, que usavam vestidos compridos de cor verde, cabia desempenhar o papel de domésticas e babás. Às Tias - majoritariamente mulheres mais velhas, que usavam vestidos com “touca de freira marrom” (ATWOOD, 2017, p. 12) e que eram as únicas que tinham permissão de ler e escrever –, coube o papel do sexismo internalizado naquela sociedade, controlando a si mesmas e a outras mulheres, pois desempenhavam a tarefa de educar, supervisionar e reprimir as Aias, no Centro Vermelho. As Tias também eram responsáveis pela repressão nas Colônias, que eram locais de diferentes tipos, geralmente campos de trabalhos forçados, que recebiam as não-mulheres, as Aias que não conseguiram ter filhos depois de três Comandantes diferentes e as Aias que cometeram algum tipo de desobediência. As que tinham um pouco mais de sorte trabalhavam na colheita de frutas ou algodão, mas o que geralmente essas

peças faziam era a limpeza de resíduos radioativos sem qualquer tipo de proteção, o que lhes davam uma expectativa de vida de no máximo três anos (ATWOOD, 2017, p. 295). Era também de responsabilidade das Tias relatar comportamento “impróprio” dentro das famílias, incluindo denunciar um Comandante e sua Esposa, por exemplo, por não realizar a Cerimônia.

Destaca-se as cores das vestimentas das personagens, pois, além de identificação, reforçam e evidenciam a diferença entre o masculino e o feminino (GUIMARÃES, 2004 *apud* BRAGA, 2019, p. 6). As vestimentas das mulheres, em específico, tem mais variedade do que as dos homens, que geralmente se vestem de preto – o que significa respeito, isolamento, medo, masculinidade – e por isso exercem funções de gestão e de repressão em Gilead. O vermelho, que simboliza o amor, a fertilidade, a proibição, o pecado, o desejo revolucionário, foi atribuído às Aias; o verde das Marthas é uma cor tranquilizadora, que significa esperança, proteção, cuidado; o marrom usado pelas Tias, por sua vez, representa a firmeza, a tradição, a maturidade e a responsabilidade; e o azul, usado pelas Esposas, é uma cor associada à santidade, à pureza, ao conservadorismo (BRAGA, 2019). Percebemos então que a escolha das cores relacionadas à cada personagem não foi por acaso.

Também é importante destacar uma outra categoria de mulheres: as Jezebels⁶. Elas eram as únicas que podiam usar maquiagem, ingerir bebidas alcoólicas e socializar com os homens, mas eram forçadas a se prostituírem em bordéis não oficiais, porém de conhecimento do Estado, para servirem aos Comandantes e seus convidados estrangeiros. Isso nos permite remeter a Rachel Soihet (1989) e Magareth Rago (1985), para pensarmos não na oposição prostituição institucionalizada e tolerada *versus* prostituição clandestina, mas nas Jezebels como uma categoria de mulheres ilegítimas – que só existiam aos olhos do Estado e dos homens que o comandavam –, tidas como um mal necessário, uma válvula de escape por saciarem os desejos carnais masculinos. O trágico é que somente os homens poderiam ter essas necessidades realizadas, já que são “máquinas movidas a sexo” (ATWOOD, 2017, p. 174) e as mulheres não. Mais uma evidência sexista patriarcal que trata a masculinidade como um dado natural.

Por fim, cabe chamar a atenção para a categoria de “traidoras de gênero” que era composta por mulheres homossexuais. Se elas fossem férteis, viravam Aias, caso contrário, iriam fazer parte da categoria de “não-mulheres” e iriam para as Colônias. Gilead não queria saber se eram ou não lésbicas; para o Estado o que importava

6 Faz referência à rainha Jezebel, do Primeiro Livro de Reis, do Antigo Testamento, que por “dominar” e influenciar seu marido Acabe, trouxe a idolatria, a imoralidade sexual e a morte de vários profetas para Israel, passando a significar, então, mulher sensual que manipula para conseguir o que deseja, mulher inescrupulosa e dominadora.

era sua fertilidade. Assim a “coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades” (LOURO, 2014, p. 76)., cuja forma aponta para a constituição de família Este discurso ignora o fato de que a orientação sexual independe do gênero, e, para quem ousasse fugir desse modelo heterossexual imposto, o único caminho era a morte, fosse ela através das execuções ou lentamente nos trabalhos forçados nas Colônias.

Pode-se concluir dessa história, que o corpo da mulher e os sentidos construídos e atribuídos a ele eram a base de sustentação da República de Gilead, pois definia quem e o que são as mulheres e, por isso, era rigidamente controlado. Ele foi desde sempre objeto de atenção das várias correntes do feminismo por encontrarem nele a possibilidade de usá-lo e de viver a sexualidade com autonomia, de discutir a maternidade como destino ou como escolha, como privilégio ou como fardo (LOURO, 2014). Por isso, o livro de Atwood pode ser visto como uma reflexão sobre a objetificação ou a sexualização do corpo da mulher, bem como sobre o direito que ela tem sobre a ele. Ademais, o corpo, juntamente com a gravidez, o cuidado com o lar, com o marido e com as crianças, foi tema recorrente no livro e nos ajuda a refletir sobre mulheres, ser mulher, feminilidade, liberdade, igualdade de gênero e o papel dos sujeitos dentro da sociedade.

O conto de aia pode ser lido como um alerta à falta de sororidade, já que não gerou um sentimento de revolta entre as mulheres, mesmo quando houve sua divisão em categorias, como podemos observar principalmente através das Tias, que doutrinam e disciplinam as Aias no Centro Vermelho, e das Esposas, que participam do estupro que ocorre nas Cerimônias. Enfim, isso as tornam cúmplices nessa dominação, segregação e opressão das outras mulheres. O livro também pode ser visto como um alerta à alienação, pois várias mulheres, incluindo as Aias, preferiram ficar alheias no espaço privado, após perderem seus empregos, terem suas contas bancárias bloqueadas ou transferidas para o ente masculino mais próximo, e perderem o direito de ler e escrever, fazendo atividades domésticas e cozinhando (ATWOOD, 2017, p. 215), do que assumirem o espaço público e lutar em prol de direitos e igualdade. Enfim, *Nolite te bastardes carborundorum* – “Não deixe que os bastardos esmaguem você.” (ATWOOD, 2017, p. 224).

Referências

- ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BRAGA, Yanic Diener. Estética da Repressão na Série Televisiva O Conto de Aia. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação 2 a 7/9/2019**. Belém, Intercom,2019. p. 1-14.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil 1890 - 1930**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.
- SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: Mulheres pobres e ordem urbana-1890-1920**. Rio de Janeiro: Forense, 1989.